

# O Livro de Escutas de Salvatore Sciarrino<sup>1</sup>

**André Ribeiro<sup>2</sup>**

Universidade de São Paulo, Departamento de Música, Brasil

**Resumo:** Trata-se de uma leitura crítica do livro “*Figure della musica da Beethoven a oggi*” do compositor Salvatore Sciarrino. Especificamente, trata-se de apresentar a escuta musical, segundo as ideias do compositor, como um campo orgânico de interação, inventividade e coexistência de modos de escuta encarnados num naturalismo musical diretamente relacionado às estruturas perceptivas da música. Usamos como referências nesta leitura analítica os próprios textos e ideias do autor, difundidas por meio de entrevistas disponibilizadas na web.

**Palavras-chave:** Música Contemporânea. Composição Musical. Estética Musical.

**Abstract:** This article is a critical review of Salvatore Sciarrino’s book “*Figure della musica da Beethoven a oggi*”. In particular, it is about musical listening, according to the ideas of the composer, such as a field of interaction, inventiveness and coexistence of modes of listening, embodied in a musical naturalism directly related to perceptual structures of music. As references for this analytical reading we use the texts and ideas of Sciarrino, disseminated through interviews available on the web.

**Keywords:** Contemporary Music. Music Composition. Musical Aesthetics.

---

<sup>1</sup> Title: The book of listenings of Salvatore Sciarrino. Submetido em: 01/11/2014. Aceito em: 01/12/2014.

<sup>2</sup> Professor de composição na Unisantos, de Criação na EMESP Tom Jobim; professor contratado no Departamento de Música USP/CMU. Email. [andre.ribeiro.compositor@gmail.com](mailto:andre.ribeiro.compositor@gmail.com)

**N**um primeiro bater de olhos sobre o livro do compositor italiano Salvatore Sciarrino “*Figure della musica da Beethoven a oggi?*” nota-se uma abundante mostra de exemplos visuais, permeando longas exposições textuais que a primeira vista remetem à ideia de um catálogo de imagens e textos anexos. No entanto, na medida em que vencemos os primeiros passos nesta leitura visiva da música notamos pouco a pouco revelar seu propósito particular. Em meio aos inúmeros desvios e remissões sensíveis – das quais o autor discorre para traçar um panorama geral do estado de coisas relativo à escuta, percepção e forma musical – nos damos conta de que os textos e as imagens aí dispostas, antes de tudo, tecem um fio narrativo cuja intenção anunciada pelo próprio autor é conectar algo que “anda perdido da tradição<sup>3</sup>” em ouvir música. Se ele enxerga algo perdido é porque, em sua opinião, os músicos modernos perderam a capacidade de comunicar a música, isto é, de dizer exatamente o que se passa numa obra musical. Em outras palavras, os músicos perderam certo senso de escuta que tanto concernia às obras do passado como mantinha certa capacidade de comunicação em cena.

Que coisa não compreendemos do antigo? A tensão de novidade originalmente nele contido, quando não era antigo. Hoje, os programadores [de concerto] e executantes nutrem uma total desconfiança seja na capacidade de comunicar a música, seja na informação e adaptação do público, e não são capazes, e aqui está o pior, de fornecer outro alimento para a coletividade, salvo o mais obsoleto. (SCIARRINO, 1998, p.19, tradução nossa)

É diante deste ponto de vista crítico que Salvatore Sciarrino abre seu livro de imagens, e assim o faz por meio de uma franca e direta pergunta: “O que podemos dizer da música em relação às ideias correntes no que concerne ao período que estamos vivendo?”<sup>4</sup>

É uma questão embaraçosa, que não sabemos responder. Vemos alguns atacar visceralmente contra a música contemporânea, como se fosse quase uma arte degenerada. Outros fornecem explicações, mas sem largar o jargão de especialista: são explicações frias, pobres de estímulos conceituais. Diante de ambas atitudes permanecemos perplexos e igualmente insatisfeitos. Sentimos a necessidade de ferramentas críticas que não possuímos e de novas correlações. Sentimos a necessidade de uma abordagem direta e global da música, uma abordagem, se possível, interdisciplinar. Para este fim, devemos, antes de tudo desenvolver uma dupla capacidade: de conectar os fatos do pensamento moderno, entre eles, com os fatos da tradição. (SCIARRINO, 1998, p.17, tradução nossa)

Revela-se de imediato a motivação a partir do qual ele irá construir todo seu pensamento crítico acerca da escuta e comunicação da música contemporânea, isto é, o desejo de comunicar claramente a música na modernidade. Sciarrino, assim, toma posição em favor do ouvinte – pois para ele o compositor trabalha “antes de tudo, com a percepção daquele que escuta”<sup>5</sup> –, interpretando a escuta musical como um resultado cumulativo de uma tradição em ouvir música, ou seja, um hábito antigo que

<sup>3</sup> Cf. (SCIARRINO, 1998, p.17)

<sup>4</sup> Cf. (SCIARRINO, 1998, p.18)

<sup>5</sup> Cf. (SCIARRINO, 2000)

uma tradição se encarregou de cristalizar.

Dois pontos em relação à escuta/comunicação são levantados neste livro: 1) a necessidade de uma abordagem analítica global da música que venha a suprir a falta de mecanismos de apropriação daquilo que a escuta musical congrega em favor da criação – muito do qual aparece cristalizado em outras disciplinas; 2) a necessidade de considerar a escuta musical como um ato criativo, não apenas perceptivo, mas sobretudo inventivo. Ou seja, assumir na escuta o caráter vivo da criação de onde se poderá tirar como conclusão seu estatuto de paridade (em corresponder) com a forma musical. É sobre este último ponto que Sciarrino irá se ocupar intensivamente, ora propondo uma investigação geral da correspondência direta, via tradição, entre a escuta e forma musical – com vistas a criar possibilidades de se estabelecer um controle lógico dos acontecimentos musicais –, ora restabelecendo um senso de escuta que em sua opinião atravessa as obras do passado ao presente. É, portanto, neste ensejo de reconstruir uma escuta que atravessa as eras que ele irá apresentar suas figuras musicais, ou, simplesmente, seus modos de escutar que procedem por formalização da própria experiência do ouvir que joga a escuta na dimensão da criação de ideias. Sciarrino conecta, assim, as pontas das experiências entre ouvir e o criar, auto-implicando ambas num único processo musical. De certo modo, não seria um grande desvio dizer que, para ele, perceber os sons é formalizar a escuta, formalizar é igualmente criar condições para que a escuta se ligue a criação de maneira direta; de certo modo, trata-se do desejo de fazer coincidir a experiência do ouvir e do criar.

Para atingir este ponto ideal de retomada das referências originais da escuta, e criar assim condições para a criação, sua tarefa é despoluí-la daquilo que a embotou em primeiro lugar para em seguida formatá-la segundo uma notável estratégia de "zerar" a percepção, remetendo a um ponto zero, de modo que se possa ouvir o fundo de tradição que aí se encontra por todos os lados mediante outras experiências estéticas e artísticas, mas que no entanto seguem ausentes nos dizeres sobre a música. Neste sentido, ele irá identificar esta ausência sob os efeitos da perda de confiança ou de habilidade dos músicos modernos em lidar com as obras contemporâneas, o que reflete, de outro lado, a perda de consciência daquilo que destacava certas obras do passado das demais, a perda mesmo de um senso de escuta comunicável; com isso também pretende explicar grande parte da indiferença do público e músicos quanto a música contemporânea.

Os primeiros a não participarem dos concertos são professores e estudantes de música. Parece-me que o balanço da música moderna, catastrófico enquanto difusão, pode encontrar sua verdadeira causa na indiferença de quem está lidando com isso, programadores [de concertos] e executantes. Sua indiferença é refratária a cultura como força produtiva, uma indiferença que não vem tanto da falta de compreensão do moderno quanto do antigo. (SCIARRINO, 1998, p.18, tradução nossa).

Para levar a efeito este entendimento que põe a escuta em relação direta com a forma musical e

comunicação de ideias Sciarrino elabora um projeto de reconstituição deste senso perdido de escuta, cuja origem, ele defende, remonta a um naturalismo histórico<sup>6</sup> inerente ao aprendizado musical, e que irá por consequência influenciar a forma com a qual se estabelecem as condições para criação musical. Assim, através de uma narrativa polivalente e multireferencial – usando de analogias e de exemplos os mais diversos – Sciarrino neste texto *sui generis* busca restabelecer um senso comum para música contemporânea, empregando um amplo referencial narrativo onde figuram desde fenômenos do comportamento humano (acumulação), forma de interação social, teorias científicas (big bang), modelos biológicos (multiplicação), postulados filosóficos, expressões artísticas, literárias dentre outros; tudo visando um recenseamento dos modos com os quais ouvimos e criamos música. Seu objetivo é apontar certas modulações do pensamento de uma época, especificando suas transgressões enquanto marcas evidentes de uma continuidade histórica para o senso do que seja o "contemporâneo". O que dá sustentação as suas concepções artísticas acerca da música contemporânea é, em sua opinião, a presença de uma tradição de escuta musical e formação de ideias que "consiste na transgressão de indivíduos, com relação a um vocabulário comumente aceito."<sup>7</sup> – ato que transgredir uma prática comum ao mesmo tempo em que reinscreve a música no presente.

Estou convencido de que a evolução da música consiste na transgressão de indivíduos, com relação a um vocabulário comumente aceito. As transgressões nos fazem distinguir, em maior ou menor grau, o caráter de um autor de seus pais (ou de seus irmãos). Como se dissesse que a linguagem é mais ultrajante quando se torna tão pessoal. (SCIARRINO, 1998, p.17, tradução nossa).

Na esteira dessa ideia de fundo, de uma tradição de ouvir e transgredir, entende-se aí que o autor insiste numa difícil relação de continuidade do ouvir – que para ele será instintiva – entre o passado e presente.

Na verdade, a transgressão é feita de comportamentos que comunicamos além do nosso controle voluntário e racional. As intenções agressivas são evidentes, ainda quando não sabemos o idioma do agressor. Por este motivo, a determinação original de Beethoven permanece ainda perceptível em sua música. (SCIARRINO, 1998, p.23). (tradução nossa).

O que se coloca aqui é o pressuposto de que a comunicação, a escuta e o entendimento da música operam, antes de tudo, num nível instintivo<sup>8</sup>, o que irá recolocar a questão do papel do discurso sobre a música, ao mesmo tempo em que põe em evidência a falta de sentido e as retóricas especiosas

<sup>6</sup> "As estruturas lógicas da cultura moderna emergem lentamente, de modo irresistível, da história. Estas vão configurando o naturalismo da nossa era". (SCIARRINO, 1998, p.23, tradução nossa).

<sup>7</sup> (Ibid., 1998, p.17, tradução nossa).

<sup>8</sup> "E tenho certeza de que o ato de comunicação opera muitas vezes em níveis instintivos: comunicaríamos, isto é, mesmo se não quiséssemos." (SCIARRINO, 1998, p.18, tradução nossa).

que afloram no discurso institucionalizado<sup>9</sup> da música contemporânea. Para empreender esta difícil tarefa de contar o que uma tradição tem a dizer sobre seus frutos artísticos musicais e seus modos de escuta que a determinaram no passado, e sem recorrer ao jargão dos especialistas, Sciarrino emprega um amplo repertório de referências cruzadas e constitui assim uma nova proposta de envolvimento com a escuta, a saber, de caráter interdisciplinar no que se refere a investigação do campo das inter-relações que moldam o entendimento da música. Diante deste grande projeto, o autor irá expor sua firme convicção de que a forma com o que ouvimos a música na contemporaneidade vem impregnada de um naturalismo histórico, o qual podemos muito bem não admitir, mas está aí; ocorre e tem suas raízes expostas a quem empreenda uma leitura histórico-analítica do seu percurso; – como faz também notar Aldrovandi (2011, p.10) "Quando Sciarrino diz que somos naturalistas mesmo quando não queremos, um pouco disto é o que está em jogo. Algo de inquestionável ou de inevitável a respeito da relação com as naturezas".

Exatamente com naturalismo que os teóricos musicais dos últimos séculos não quiseram lidar. Portanto, uma eventual tomada de consciência conduz o músico à um amargo estado de conflito interno. Nós músicos estamos impregnados de naturalismo, mas nem todos estamos dispostos a admitir. Aprendemos entretanto a reconhecer essa tendência que move nossa necessidade de começar de novo, afundar na escuridão, e redefinir a experiência da escuta. (SCIARRINO, 1998, p. 23, tradução nossa)

Assim, irá creditar grande parte da experiência do ouvir à uma tradição de fundo que opera em nível instintivo, não obstante, ainda efetiva no que se refere a composição. Eis que a música do passado vem à tona, em seu modo de dizê-lo, portadora de ideias originais, outrora transgressivas, porém ainda comunicáveis e passíveis de representação na modernidade. Sua pesquisa, logo, está voltada ao rastreamento dos modos com os quais se ouvia música no passado, ainda em vigor em nossa era atual.

## **REDEFINIR A ESCUTA "AZZERARE"**

É por esta razão central, e para reencontrar uma maneira de dizer da música o que se passa, que ele irá propor uma total redefinição da escuta ("azzerare l'esperienza dell' ascolto"<sup>10</sup>). Este simples gesto de zerar as referências que, de certo modo, já saturaram a experiência do ouvir na contemporaneidade, o faz considerar uma abordagem sobre o ponto de vista da generalização da escuta como primeiro ato distintivo do próprio processo de recomeçar a ouvir novamente o que se perdeu em meio à tradição.

<sup>9</sup> Sobre os quais irá dizer: "É evidente que também é preciso coragem e abertura de espírito para abandonar termos e esquemas acadêmicos, velhos preconceitos ideológicos, as pequenas e confortáveis certezas dos [bons] entendedores. Certo, assim, de que algo anda perdido da tradição. Esta voltará a nós com outra cara; em compensação nos surpreenderemos com seu potencial comunicativo e eficaz, igualmente fora das convenções usuais." (Ibid., p. 17, tradução nossa).

<sup>10</sup> "Redefinir a experiência da escuta". (SCIARRINO, 1998, p. 23, tradução nossa).

Sciarrino entende que a escuta na contemporaneidade deve de algum modo retomar certos princípios fundamentais "orgânicos" que antes logravam êxito nas composições modernas do passado, e que agora estão reduzidos ao jargão do especialista nas "explicações frias, pobres de estímulos conceituais"<sup>11</sup>. Segundo Sciarrino (1998, p. 22,) apenas explorando a música enquanto experiência geral e coletivizada é que se pode encontrar a chave para a problemática da escuta no presente.

A música é a única disciplina, até hoje, em que não foi adotado um método de aprendizagem global. Isso é suficiente para explicar o isolamento e desenraizamento cultural dos músicos de seu ambiente. (...) Hoje nós sabemos que a nossa percepção procede do geral ao particular. Portanto, é essencial que também a análise musical esteja de acordo com o funcionamento da mente humana. Não se trata aqui de instituir paralelismos forçados: por outro lado, não se pode perder a visão de conjunto. Sua ausência tira o significado de qualquer atividade humana. Em vez disso, devemos dizer: a própria cultura nasce da faculdade de generalizar. (SCIARRINO, 1998, p. 22, tradução nossa).

O "azzerare" ou a redefinição da escuta, entretanto, guarda ainda um sentido mais estrito relacionado à correspondência entre escuta e forma musical. Em outras palavras, Sciarrino irá espelhar o conceito de que a forma musical deve construir a possibilidade da escuta do princípio, isto é, do som nascente a forma global de uma peça musical; deve mesmo se valer e seguir o próprio processo da escuta – aquilo que se ouviu anteriormente – enquanto exercício. É partindo deste pressuposto que ele irá pesquisar e empregar sistematicamente sonoridades próximas do zero, no limite do audível, visando criar condições para que a escuta realize um itinerário perceptivo em um território novo.

A necessidade de 'azzerare' (reiniciar) nossa percepção está ligada a pesquisa, de Sciarrino, de um timbre instrumental caracterizado por utilização de técnicas instrumentais perto do "som zero" (harmônicos, sopros, golpes chaves). Sua música procura envolver o ouvinte "fisiologicamente". Os objetos sonoros de Sciarrino aparecem para nós como organismos vivos que se transformam, respiram, se acumulam e se multiplicam. Este conjunto de motivações são a base de seu conceito de naturalismo, visto como tomada de consciência de tudo o que há de vivo e orgânico nas diferentes linguagens artísticas. (GIACCO, 2000, p. 53, tradução nossa).

Com efeito, sua intenção não é outra senão favorecer a escuta do processo, desde o princípio, enquanto forma musical, enquanto forma passível de comunicação de ideias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se levarmos em conta todas as questões até aqui apresentadas, vê-se de imediato que esta coletânea de textos e imagens presentes no "*Figure della musica...*" não representam uma mera ilustração de um senso de percepção individualista despreocupado, ao contrário, acusam uma forte preocupação

---

<sup>11</sup> (Ibid., 1998, p. 17), p. 17

em restaurar um processo de ouvir compartilhado numa coletividade, e que vem impregnado de outras formas de sensibilidade que, via de regra, podem implicar numa abertura de horizontes quanto àquilo que se congrega para referenciar o campo da escuta musical, a saber, uma confluência de experiências estéticas e saberes de ordem múltiplas que concorrem para levar a efeito a comunicação das ideias. Se considerarmos essa ideia, o próximo passo é lidar com as características globais, de "ordem psicológica"<sup>12</sup> – diremos, imaginativas – que concorrem e moldam o processo da escuta, moldando por consequência a maneira de se criar. Logo, lidar com as múltiplas subvenções criativas que estão na base do processo de escuta é lidar com um modo de referência e cruzamentos de ideias, consequentemente de criação. É ainda neste desejo de fazer retornar algo da tradição que a escuta torna-se, impreterivelmente, parte do processo criativo, ou como irá dizer: "nossa pesquisa, na verdade, esconde um esforço imaginativo e teórico, e o risco de tatear às cegas coisas que têm desencorajado outros a empreendê-la. [...] descreve-los equivale portanto a inventá-los, deixá-los nascerem, dar seu nome, aparência e forma" (SCIARRINO, 1998, p. 23).

Com efeito, a quantidade de ilustrações que operam neste livro tem o valor estratégico de tornar visível a escuta. Dando visibilidade à escuta Sciarrino dá o primeiro passo numa elaboração das condições preliminares para uma sinestesia da escuta que refere seu domínio ao amplo, ao diverso, ao inesperado. A escuta deixa de estar apenas ligada ao conceitualização formal para encontrar um outro nível de referência artística, nível mesmo da criação, da inventividade de ideias. E por fim, a problemática do ouvir levantada no "*Figure della musica...*" segue capital para a necessidade de ferramentas que lidem com as referências perceptivas de outra ordem, a saber, não sonora, que permeiam a escuta e determinam as diversas maneiras de compor.

## REFERÊNCIAS

ALDROVANDI, Leonardo. Entre Sciarrino e Berio: entre modo e maneira. *Música em perspectiva*, V.4, N.1, p. 7-14, (2011).

GIACCO, Grazia. *La notion de Figure chez Salvatore Sciarrino*. Paris: L'Harmattan, 2001.

SCIARRINO, Salvatore. *Ecologia dell'ascolto*: entrevista. [fevereiro de 2000]. Entrevista concedida a Luisa Coringa. Disponível em: <<http://www.sistemamusica.it/2002/settembre/16.htm>>. Acesso em: 20/03/2014.

SCIARRINO, Salvatore. *Figure della música*. Milano: Ricordi, 1998.

---

<sup>12</sup> "Mais do que qualquer outra coisa se trata da revelação do mecanismo da escuta pura e simples que, antes mesmo de ser acústico, é um fato psicológico." (SCIARRINO, 1998, p. 23, tradução nossa).